

# “Os opostos se distraem, os dispostos se atraem”: amor e política no uso das mídias digitais entre sujeitos que se autodenominam de esquerda

“Opposites are distracted, willing ones attract”: love and politics in the use of digital media among self-identified leftists

“Los opuestos se distraen, los dispuestos se atraen”: amor y política en el uso de medios digitales entre sujetos que se autodenominan de izquierda



Juliana do Prado

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso do Sul, Paranaíba, Brasil

ju.doprado@uems.br

1

**Resumo:** O artigo analisa como os usos das mídias digitais no Brasil têm modulado as buscas por relacionamentos amorosos entre sujeitos autodenominados de esquerda. A pesquisa se orientou pelo seguinte problema: como o posicionamento político é avaliado como critério amoroso? O objetivo foi compreender como o cenário político brasileiro se refletia na vida afetiva. A metodologia consistiu em análises de interações em um grupo do *Facebook*, cuja finalidade era promover um canal de divulgação de perfis, ampliar possibilidades afetivas e de conexão entre sujeitos. Demonstro que, ao contrário do que se apregoava como rede aberta às diferenças sociais, existia um perfil específico que indicava aspectos de gênero, sexualidade, raça/etnia, geração, classe social e região dos sujeitos que socializavam nessa rede. Por fim, também discuto as relações de gênero presentes em dinâmicas heterossexuais do campo de pesquisa, que apontam para um rechaço às masculinidades consideradas como “esquerdomacho”.

**Palavras-chaves:** mídias digitais; amor; política; esquerda; gênero.

**Abstract:** The article examines the impact of digital media on the search for romantic relationships among self-identified left-wing individuals

in Brazil. The research was guided by the following question: How is political positioning evaluated as a criterion for love? The objective was to ascertain the manner in which the Brazilian political context was manifested in the realm of emotional life. The methodology entailed an analysis of interactions within a Facebook group whose stated purpose was to serve as a conduit for the dissemination of profiles, facilitate expansion of affective possibilities, and foster connections between subjects. I demonstrate that, contrary to the assertion that the network was open to social differences, there was a discernible profile indicative of aspects pertaining to gender, sexuality, race/ethnicity, generation, social class, and region among the subjects who socialized on this network. Additionally, I examine the gender relations evident in the heterosexual dynamics of the research field, which indicate a rejection of masculinities perceived to be “left-macho”.

**Keywords:** digital media; love; policy; leftists; gender.

**Resumen:** El artículo analiza cómo el uso de los medios digitales en Brasil ha modulado la búsqueda de relaciones románticas entre sujetos autoidentificados de izquierda. La investigación estuvo guiada por el problema: ¿cómo se evalúa el posicionamiento político como inversiones románticas? El objetivo fue comprender cómo el escenario político brasileño se refleja en la vida emocional. La metodología se basó en el análisis de interacciones en un grupo de Facebook, cuyo objetivo fue promover un canal de difusión de perfiles, ampliando las posibilidades afectivas y de conexión entre los sujetos. Demuestro que, contrario a lo que se proclamaba como una red abierta a las diferencias sociales, existía un perfil específico que señalaba aspectos de género, sexualidad, raza/etnia, generación, clase social y región de los sujetos que socializaban en esta red. Finalmente, también discuto las relaciones de género presentes en las dinámicas heterosexuales en el campo de la investigación, que apuntan a un rechazo de las masculinidades consideradas “izquierdomacho”.

**Palabras clave:** medios digitales; amor; política; izquierda; género.

Submetido em: 8 de agosto de 2024

Aceito em: 22 de outubro de 2024

## Introdução

“Solteir@ sim, mas não pra quem é antivacina”, “Não era o amor, era Bolsominion”, são expressões que circulam nas redes sociais comerciais entre páginas do *Instagram* e *Facebook*, particularmente as direcionadas a públicos que se autodenominam de esquerda, em aceção a oposição frente ao cenário político recente no Brasil. Elas apontam para um panorama amoroso que tende a filtrar as relações a partir de posicionamentos políticos convergentes e, ao mesmo tempo, demarcar afastamentos de pessoas indesejáveis. A premissa é de que qualquer laço social, principalmente que desemboque em paquera ou relacionamentos amorosos, serão mais bem-sucedidos quanto maior for a afinidade política entre os sujeitos. A frase que intitula esse artigo, inspirada em uma música brasileira<sup>1</sup>, se torna oportuna para exprimir o desejo dos sujeitos de pesquisa que tratarei adiante. Afinal, as mídias digitais conferem visibilidade aos posicionamentos políticos e gerenciam os sujeitos de acordo com compatibilidades, disponibilizando-os em plataformas comerciais por meio de afinidades.

Consoante a isso, salienta-se a expansão do digital<sup>2</sup> na ação política, seja com relação à ativismos e movimentos sociais, quanto à própria política institucional e partidária. Consideradas de usos intensamente emocionais (Turkle, 2011; Illouz, 2011), as mídias digitais ainda se constituem como poderosas esferas de processos de subjetivação, nas quais é possível observar intersecções entre afetos, mercados, gênero, sexualidade, diferenças, entre outros eixos analíticos.

Nesse aspecto, este artigo, resultado de pesquisa de pós-doutorado realizada entre agosto de 2022 e julho de 2023<sup>3</sup>, pretende analisar como os usos das mídias digitais no Brasil têm modulado

1 A referida música é *Realejo*, da banda Teatro Mágico.

2 Adoto o termo digital aqui em referência não apenas às transformações tecnológicas advindas com as Tecnologias de informação e comunicação (TICs), mas a um conjunto que se elabora de maneira sociotécnica, ou seja, que se constitui tecnologicamente e socialmente. Ou, conforme Miskolci (2019, p. 23) “digital, nesse sentido, não é uma definição técnica, mas uma caracterização de nosso mundo como marcado pela conexão por meio de tecnologias comunicacionais contemporâneas que se definem cotidianamente como digitais e que envolvem o suporte material de equipamentos como notebooks, *tablets* e *smartphones*, bem como diferentes tipos de rede de acesso, conteúdos compartilháveis e, por fim, mas não por menos, plataformas de conectividade”.

3 A pesquisa de pós-doutorado foi realizada junto ao Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, Unicamp. Agradeço à Lara Beleli, minha supervisora e demais pesquisadoras pelas contribuições.

as buscas por relacionamentos amorosos de modo conjunto com a circulação de repertórios políticos. Em especial, concentro-me em um grupo privado do *Facebook*, que denomino aqui de ESQ<sup>4</sup>, o qual se caracterizou pela proposta de aglutinar sujeitos que buscavam por interações entre pessoas que se classificavam como de esquerda, por se colocarem contra as pautas políticas apresentadas após a eleição de Jair Messias Bolsonaro, em 2018.

A pesquisa foi realizada a partir de análises de interações nesse grupo, cuja finalidade inicial era promover um canal de divulgação de perfis e ampliar possibilidades afetivas. O ESQ surgiu em 29 de setembro de 2019, após alguns meses do acirramento do contexto político polarizado com a eleição de Jair Messias Bolsonaro. Tinha como proposta ser um grupo que coadunava sujeitos com posicionamentos políticos semelhantes, de tendências autodenominadas de esquerda e que declaravam apoio à partidos que compunham esse quadro político. Continha aproximadamente 36 mil membros que ingressavam mediante aprovação de entrada por mediadores, com uma média de 120 postagens diárias, entre novas publicações e comentários que propiciavam uma rede de interações.

Minha entrada em campo se deu ainda no início do grupo, em 2019, de maneira despretensiosa, sem intenções reais de pesquisa. Naquela época parecia se desenhar um modelo de sociabilidade concentrado na busca afetiva para além dos já conhecidos aplicativos como *Tinder*, *Adote um Cara*, *Badoo*, *Happn*, *Hornet*, *Scruff* e *Grindr* que não abarcam, na visão dos participantes do grupo, pessoas com afinidades em comum. O *Facebook* também possui um aplicativo de namoro chamado *dating*, implementado em 2019, inicialmente nos Estados Unidos e Reino Unido e chegando ao Brasil em abril do mesmo ano<sup>5</sup>.

Assim, um grupo privado com acesso apenas a membros, regras específicas e moderadores, demonstrou ser uma alternativa de aglutinar sujeitos envolvidos em discussões de temas de interes-

4 Denominarei dessa forma para preservar o campo de análise e garantir maior sigilo aos sujeitos da pesquisa e as informações que circulam no grupo.

5 O *Facebook Dating* está agora ativo também na Argentina, Bolívia, Canadá, Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Laos, Malásia, México, Paraguai, Peru, Filipinas, Cingapura, Suriname, Tailândia, Uruguai e Vietnã.

se mútuo, particularmente que estivessem associados a repertórios políticos. Eram diversos eixos de assuntos que percorriam essa rede, destacando-se conteúdos, entre postagens e *memes*, sobre amor, arranjos afetivos, flerte, gostos musicais, racismo, eleições, covid-19, vacina, etc. Existia, ainda, uma espécie de “ficha de apresentação” que oscilava entre informações pontuais e mais específicas sobre relacionamentos. O ESQ parecia atualizar práticas de anúncios em busca de namoro presentes em outros tipos de mídias, como a impressa, oportunizando uma espécie de classificados para namoro.

Tais informações, bem como a sociabilidade produzida, operavam como algum tipo de triagem que incitava comentários ou reações e podia fluir para outros tipos de relações mais privadas. Meu argumento é de que o entrosamento público propiciado ali se diferenciava da proposta do *dating* e até mesmo de aplicativos de busca de parceiros (as/es), por permitir atestar posicionamentos que sociologicamente pareciam estar se configurando como fundamentais nas expectativas por relações amorosas.

## 5

A partir de alguns elementos que apareceram no campo, pretendo compreender como o cenário de polarização política no Brasil recente, junto à uma segmentação de mercado das tecnologias, têm modulado os usos das mídias digitais de maneira que posicionamentos políticos são constantemente atestados como passaporte afetivo, evocando mais segurança nas relações. Inicialmente, apresento o campo e a metodologia de pesquisa e reflito sobre um panorama afetivo que conecta e desconecta sujeitos por meio dos usos das mídias digitais. Diante disso, as marcas de sexualidade, gênero, raça/etnia e classe social do campo indicavam para um perfil específico de sujeitos que se autodenominavam de esquerda e socializavam nessa plataforma, indicando para as contradições dessa rede de sociabilidade que se pressupunha abarcar todos os tipos de pessoas. Por fim, pretendo discutir as relações de gênero presentes em dinâmicas heterossexuais, que mostraram resistências às masculinidades consideradas como “esquerdomacho”.

## Um ecossistema conectivo e afetivo

O caráter de filtro não é novidade advinda dos usos das mídias digitais, tampouco de aplicativos de busca por relações amorosas. Anúncios de namoro presentes em outros tipos de mídias, como a imprensa já ofereciam esse tipo de serviço permitindo que o anunciante expressasse suas preferências, contudo, de maneira que o controle ainda não estava em suas mãos, mas sim, dos veículos de comunicação que administravam a chegada de interesses. A diferença desses tipos de anúncio com o meu campo de pesquisa, assim como de aplicativos e plataformas de busca por relacionamentos, é que por meio dos usos das mídias digitais, a pessoa se autoanuncia, em um processo simultâneo à construções imagéticas de si<sup>6</sup> (Beleli, 2015; Pelúcio, 2015; Miskolci, 2017; Padilha, 2019) e, ainda, por meio de práticas de “textualização das subjetividades” (Illouz, 2011) aprendem a construir um perfil que seja valioso no mercado afetivo das tecnologias digitais.

Os aplicativos e plataformas ampliam as possibilidades de construção e reconstrução de perfis de forma constante, oportunizando uma reflexividade e coloca sob a responsabilidade do sujeito ser “empreendedor de si mesmo” (Scharff, 2016), ou seja, saber se anunciar enquanto alguém desejável para os propósitos almejados. É o conjunto desses elementos, que possibilita que os sujeitos combinem entre si ou, que deem “*match*”<sup>7</sup> e iniciem algum tipo de interação de forma autônoma. Esse contexto tem acompanhado as relações íntimas estabelecidas entre mercado, tecnologia e amor, inseridas em uma espécie de “capitalismo afetivo” (Illouz, 2011). Dessa forma, as práticas sociais amorosas são constantemente desenhadas por rituais românticos modulados pelo caráter socio-técnico que as relações sociais contemporâneas tomaram.

A seleção de um grupo que reúne sujeitos com afinidades políticas em comum acompanha a filtragem nos usos das mídias digitais como busca de parcerias amorosas. Esse traço salienta uma dinâmi-

6 Possibilitadas, em grande medida, pelo acoplamento de câmeras fotográficas à aparelhos de celulares.

7 Termo usado entre usuários de aplicativos, plataformas e grupos da internet para se referir à combinação de duas pessoas com afinidades em comum e interesse mútuo.

ca observada por Beleli (2022a, p. 4) que aponta para o quanto o contexto sociotécnico das relações íntimas propiciam maior autonomia para buscas de perfis que sejam compatíveis no que tange à capital cultural similar. Isso se coloca especialmente entre mulheres, que com os usos das mídias digitais, detêm mais liberdade na seleção de seus parceiros, direcionando suas investidas a possíveis candidatos que pertençam ao mesmo universo social e cultural demarcado por acesso a bens, serviços e escolaridade em comum.

Para além do aspecto dos usos, é possível averiguar a expansão da segmentação de mercado de aplicativos e plataformas para namoro, que abrangem desde diferenças de gênero, sexualidade, geração, profissão e até mesmo religião (Beleli, 2015, p. 94). Incluindo sites voltados à busca de parceiros entre funcionários públicos, evangélicos, cristãos, veganos, idosos, pessoas que frequentem os mesmos espaços, etc.

A pesquisa de Jardim e Moura (2017, p. 171), com objetivo de analisar o mercado amoroso dos aplicativos de modo a entender sua construção social também entre os usuários, mapeou a existência de 95 aplicativos com finalidades de promover encontros e relações. A investigação confirmou que mesmo que aconteça o “*match*”, sua sustentação depende de diversas compatibilidades, de modo que entre motivos de desistência de investimentos maiores se encontra a sintonia com valores políticos, particularmente entre pessoas com nível de escolaridade maior (Jardim; Moura, 2017, p. 182).

Os itinerários pelos quais os sujeitos da minha pesquisa circulavam também compreendem tais sites e aplicativos. No entanto, seus interesses se situavam na constituição de redes de sociabilidade a partir do reconhecimento social enquanto sujeitos de esquerda que se posicionam, sobretudo, contrários perante os rumos da política brasileira pós-eleições de 2018, particularmente à vitória de Jair Messias Bolsonaro para presidente da República. Por este motivo, suas trajetórias desembocaram no ESQ, pois apesar de usarem diversos aplicativos de busca de parcerias amorosas, algumas interações no grupo indicam para como os consideram desagradáveis e pautados em relacionamentos frágeis e efêmeros,

sendo referido, inclusive como “*iFood* humano”<sup>8</sup>. Isto é, meus interlocutores caminhavam por diversos fluxos, entre plataformas de redes sociais comerciais que se constituem como um ecossistema de meios conectivos – nos termos de José Van Dijck (2016, p. 19) – que regem a sociabilidade mediada digitalmente. Esse fenômeno sinaliza uma cultura de conectividade, na qual a rede não se caracteriza apenas pela conexão entre usuários que supostamente se conheçam, mas sim, em dados que conectam usuários automaticamente, que induzem a sociabilidade, sugerindo conexões entre pessoas e conteúdos direcionados.

Além disso, os sujeitos de pesquisa, conforme relatavam na rede, eram ativos tanto no ESQ, *Instagram* e *whatsapp*, quanto em aplicativos específicos de busca por relacionamentos. Esse aspecto permite caracterizá-los como componentes desse ecossistema não apenas conectivo, mas afetivo, no sentido de que por meio de uma conectividade produzida pelo mercado das redes sociais comerciais, se estabelecem também redes em que circulam expectativas sobre as relações amorosas. Essas ponderações permitem desvendar os discursos que estão colocados na balança e indicar se, e como, os/as dispostos/as realmente se atraem e, oportunamente, os/as opostos/as se distraem.

Cabe destacar que compreendo os serviços de redes sociais comerciais seguindo a linha teórica da modelagem social das tecnologias (Mackenzie; Wajcman, 1999), que aponta para como estas precisam ser socialmente contextualizadas, desde seu desenvolvimento até as formas de uso que assumem em determinados cenários. Portanto, me afasto de noções advindas do determinismo tecnológico, pressupondo aspectos técnicos como definidores exclusivos do comportamento dos sujeitos em rede. Desse modo, os discursos presentes no ESQ assumem uma forma cultural, nos termos de Williams (2016), ou seja, vão além de estabelecerem redes puramente técnicas de sociabilidade e se estendem em um campo no qual é possível observar a intersecção entre expectativas sociais sobre afetos e política.

<sup>8</sup> *iFood* é uma empresa brasileira fundada em 2011, atuante no ramo de entrega de comida por pedidos realizados via aplicativos conectados à internet, sendo líder do setor na América Latina, com presença na Argentina, no México e na Colômbia.

A escolha desse grupo se embasa pelo número de usuários, tempo de existência e dinâmica de interação, em que se apresentava de maneira recorrente. Para acessá-la era necessário solicitar ingresso para moderadores e responder algumas perguntas que de certa maneira selecionam as intenções das pessoas com o grupo, bem como o posicionamento político admitido. Ademais, entre os grupos que tinham o intuito de aglutinar sujeitos interessados em estabelecer relações em torno de discursos sobre política e amor, o ESQ se destacou. Essa estratégia é semelhante à adotada por Melhado (2018), que buscou analisar como homens jovens falavam sobre si e constituíam subjetividades em um grupo de *Facebook* de modo que o autor selecionou seu recorte a partir da verificação da recorrência de postagens e fluxos de conteúdos e assuntos que percorriam outras redes sociais.

Esse grupo se trata de um ambiente central de observação, a partir do qual circulam repertórios, sujeitos e interações sociais. Se trata, então, de um “site de campo”, de acordo com Burrell (2009, p. 182), o qual “refere-se a características espaciais do campo base do projeto de pesquisa, o estado no qual os processos sociais sob estudo tomam lugar. Para etnógrafas/os, definir esse espaço é uma importante atividade que tradicionalmente toma lugar antes e nos estados iniciais do trabalho de campo”. A autora auxilia na concepção de recortes de pesquisa em ambientes *online*, visto que a constituição desse desenho metodológico é parte do trabalho da pesquisadora, ou seja, o campo não está à disposição, mas faz parte de uma elaboração que se dá a partir de observação empírica associada às problemáticas de pesquisa.

Somado a isso, me oriento pelo conceito de campo-tema de Spink (2003), que desloca sentidos de um lugar específico, delineado e distante onde se realiza a pesquisa. Para o autor, essas expressões naturalizam o campo e distanciam as/os pesquisadoras/es de práticas do cotidiano em que se situam os objetos estudados e as técnicas de pesquisa. O campo não é apenas esse local, por isso assume a característica de ser um tema que se constrói em rede - no caso dos usos das mídias digitais - e se trata de um espaço elabora-

do e negociado. Em resumo, “o campo-tema não é um aquário que olhamos do outro lado do vidro; é algo do qual fazemos parte desde o primeiro momento em que dissemos, ‘estou trabalhando com...’. A investigação em ação, portanto, se refere à ação da investigação; sua localização como parte do tema” (Spink, 2003, p. 36-37).

Dessa forma, acompanhei o grupo ESQ, do Facebook, por meio do meu perfil pessoal, o que me possibilitou observar os repertórios afetivos, as expectativas sociais em torno do amor e da política, assim como sujeitos que mais interagem. Adotei a estratégia metodológica de pesquisadora que permanece em silêncio (Hine, 2004) observando e descrevendo a dinâmica da rede, sem interagir ativamente com o grupo e sem ser reconhecida. Tal técnica, oportunizada pelos usos das mídias digitais em pesquisa social, foi conduzida juntamente com o registro das anotações em diário de campo, observando aspectos de gênero, sexualidade, raça/etnia, faixa etária, região e outros elementos que se destacaram nas interações.

Atuar como observadora silenciosa me possibilitou acompanhar os repertórios afetivos, as expectativas sociais em torno do amor e da política, assim como quais sujeitos mais participam da interação. Segundo Braga (2006, p. 5), qualquer tipo de observação se caracteriza como participante, ainda que, pelas mídias digitais, essa “presença” pode não ser constatada. Isso não isenta a pesquisa de cuidados éticos. Levando em conta a necessidade de confidencialidade das informações e preservação das identidades, não faço reprodução de imagens e dados pessoais que possam ser localizáveis e comprometer a privacidade dos sujeitos. Qualquer menção direta retirada do campo procura ter a cautela de não facilitar a descoberta de quem a fez e quem se engajou nas interações.

Esse método é semelhante ao adotado por Vieira Junior (2020, p. 17) para quem a imersão possibilita o mapeamento dos códigos de interação, “o conteúdo de um comentário, de uma postagem ou de um compartilhamento é relevante para compreender a estrutura social que lhes conferem sentido ou significado social”.

Essa abordagem consente com reflexões que dão ênfase aos chamados “*small-data*” (Miskolci; Balieiro, 2018), enquanto fonte de investigação. Trata-se de um conjunto de dados e informações sobre os sujeitos que requerem pesquisas pormenorizadas que se concentrem nos usos mais do que a extração de um conjunto de dados por grandes conglomerados, que se constituem nos chamados megadados. O fato de que o conteúdo das relações mediadas digitalmente passa a ser documentado e arquivado pelas plataformas comerciais, se constitui como um rico material de análise sociológica (Miskolci; Balieiro, 2018, p. 147). A ênfase na observação das interações *online*, por sua vez, consiste no aspecto que o campo-tema assume, de viabilizar redes de sociabilidade em que a expressão pública de experiências afetivas e repertórios culturais podem adquirir significado social amplo.

Por meio de observações e anotações em caderno de campo, descrevo nesse texto as principais características do grupo e as categorias que os sujeitos se compreendiam dentro da sociabilidade, especialmente as que demarcavam aspectos não abrangidos pelos ideais do que buscavam como esquerda. Ênfase postagens com número grande de interações por meio de comentários com o intuito de compreender analiticamente as relações de gênero e diferenças sociais presentes nessas dinâmicas que combinam amor e política.

11

## “Ninguém solta a mão de ninguém?”

Diante das incertezas em torno das políticas sociais e da defesa dos direitos da população LGBTQIAP+<sup>9</sup>, negra, feminina e indígena, que emergiram após as eleições de 2018, a expressão “ninguém solta a mão de ninguém” ganhou destaque como símbolo de coletividade, associada a afinidades políticas comuns. No entanto, pretendo mostrar que, no contexto do ESQ, esse “alguém”

<sup>9</sup> A sigla LGBTQIAP+ representa as identidades e orientações que compõem a comunidade lésbica, gay, bissexual, transgênero, queer, intersexo e assexual, além de outras vivências incluídas pelo símbolo “+”. A inclusão de novas letras busca contemplar a diversidade de identidades de gênero e orientações sexuais, promovendo visibilidade e reconhecimento a grupos historicamente marginalizados.

possui particularidades que vão além do sentido generalista que a expressão pode sugerir, especialmente no que diz respeito à exclusão de certas diferenças sociais que poderiam ser presumidas.

A emergência das redes sociais e seu alto grau de conectividade automatizada (Dijck, 2016) entre os sujeitos e plataformas aumentou os usos políticos das mídias digitais, de modo que se refletiu em fenômenos *offline* organizados digitalmente. De acordo com Miskolci (2021) os serviços de redes sociais comerciais fazem parte de uma esfera pública técnico-mediatizada que tem elucidado o engajamento político, principalmente, entre as gerações marcadas pela experiência de se relacionar e obter informação *online*.

O contexto das Jornadas de Junho de 2013, sinalizado por uma conectividade reconhecível pelos usos dessas redes, em particular do *Facebook*, delineou uma conjuntura que em grande medida favoreceu a emergência de uma nova esfera pública. Engendradas inicialmente pelo Movimento Passe Livre (MPL), como protestos contra a elevação da tarifa de transporte público de São Paulo, em pouco tempo se ampliaram pelo país, abarcando uma série de insatisfações coletivas de grupos que se identificavam como apartidários<sup>10</sup>. Porém, no Brasil, desembocaram em um cenário influenciado por emergentes grupos de extrema-direita nas mídias digitais e na vida política que viria a inflamar as relações sociais a partir das eleições de 2014. Em outras palavras,

Ao contrário do senso comum comercial que vende a falácia de que as redes seriam mais democráticas devido à sua horizontalidade, as redes sociais on-line são terreno aberto à ação de grupos de interesse que conseguem criar usuários ou perfis que funcionam como nódulos aglutinadores de sentimentos poderosos como os de indignação ou revolta (Miskolci, 2021, p. 34-35).

<sup>10</sup> É possível incluir essas manifestações na gama de protestos semelhantes organizados pelas redes sociais e com a maioria de participantes jovens: a Primavera Árabe (2010), nos países do Norte da África e do Oriente Médio; os Indignados (2011), na Espanha; e o *Occupy Wall Street* (2011), nos Estados Unidos (Miskolci, 2021).

Em 2018, com as eleições presidenciais, a mobilização das mídias digitais para a interferência nas dinâmicas políticas e nos resultados das eleições estimulou ainda mais um contexto demarcado por posições políticas conflitivas, o que ficou evidente em manifestações *offline* em favor e contra determinados candidatos. As possibilidades de propagação do fenômeno chamado “*fake News*” ou notícias fraudulentas e a presença, na rede, de atores engajados potencializaram a tentativa de influenciar a esfera pública, contribuindo para a polarização política (Machado; Miskolci, 2019; Miskolci, 2021). Compreendo o surgimento do ESQ, portanto, como desdobramento desse contexto social, somado às possíveis frustrações políticas e amorosas que parecem não colaborar para reconhecimento de sujeitos, relações afetivas e diferenças sociais, tanto quanto de movimentos sociais e engajamento político de oposição.

Assim, as interações sociais realizadas eram componentes de algum tipo de flerte que possivelmente era fundamental na seleção de parcerias afetivas, haja vista que seus usos podiam amplificar as chances de avaliação dos sujeitos, especialmente sobre suas preferências políticas. O ESQ era um canal inicial, anterior à uma interação mais privada, que oportunizava a realização de um tipo de triagem social, em que os sujeitos eram, em certa medida, analisados em uma esfera pública técnico-mediatizada (Miskolci, 2021).

Em um cenário polarizado politicamente, essa rede de sociabilidade denotava sentidos de afinidades em comum, se constituindo como um espaço minimamente seguro para expressar conteúdo político não associado à setores sociais conservadores e aliados ao governo, tampouco à formas institucionalizadas que regem a ação política, como partidos. Seria, nessa lógica, um espaço viável, ao menos para seus participantes, de oposição política para a sociabilidade entre sujeitos que de alguma maneira encontram-se na busca por parcerias amorosas. Em outras palavras, se tratava de públicos “reestruturados por tecnologias

em rede. Sendo assim, elas são simultaneamente (1) o espaço construído através de tecnologias em rede e (2) comunidades imaginadas que emergem como resultado da intersecção de pessoas, tecnologias e práticas (boyd, 2014, p. 8)<sup>11</sup>.

Diante disso, o amor e posicionamento político afluem e são geridos comercialmente por plataformas digitais. Essa esfera pública técnico-midiatizada tem sido compreendida pelo âmbito de envolvimento ou posição com relação às pautas políticas, potencializado por um novo tipo de visibilidade. De acordo com Thompson (2008) essa visibilidade permite autopromoção e, em última instância, a construção de recepções individualizadas, colaborando para que os discursos sobre causas sociais acabem se assentando também no reconhecimento no âmbito público do engajamento político dos sujeitos contemporâneos.

A popularização das pautas feministas, por exemplo, deslinda esse fenômeno, conforme observado por Facioli (2021). A autora verifica como a ampliação do acesso às mídias digitais após o crescimento da aquisição de smartphones a partir de 2010, somada a uma estrutura midiática que tende a segmentar o público por conta de seu funcionamento algorítmico faz com que a rede seja espaço de disseminação de temáticas feministas diversas.

Nesse mercado afetivo, o sujeito mais atraente parece ser aquele que se destaca não apenas pela sua imagem, fundamental à sociabilidade *online*, mas também, pela maneira como consegue elaborar um perfil atraente, com desempenho nas interações sobre pautas políticas presentes naquela rede. Em resumo, um perfil desejável deve ser compatível com a circulação de conteúdos informados por uma série de demandas políticas consideradas de esquerda e que estão destacadas como importantes na própria plataforma. Nessa empreitada, repertórios comprometidos com discursos sobre desigualdade de gênero e sexualidade, assim como com os Direitos Humanos, feminismos, homofobia e antir-

11 A pesquisadora danah boyd utiliza a grafia de seu nome em letras minúsculas como uma escolha estilística e simbólica. Essa decisão reflete sua perspectiva crítica em relação às normas e convenções, especialmente no contexto das tecnologias digitais e suas implicações culturais. Ao adotar essa grafia, boyd propõe um questionamento sobre questões de identidade e hierarquia, temas centrais em suas pesquisas, que abordam como as tecnologias moldam as interações sociais e as dinâmicas de poder na sociedade contemporânea.

racismo e até mesmo sobre aspectos que perpassavam a experiência social durante a pandemia de covid-19 pareciam ganhar mais evidências e se inclinavam à posturas não apenas esperadas, como também mais sondadas e averiguadas.

Essa rede se movimentava em torno de certos consensos políticos (Machado; Miskolci, 2019), consolidados, inclusive por meio de oposições a grupos sociais divergentes nas mídias digitais e carregava uma série de preceitos considerados de esquerda. Nesse aspecto, além do fato de ter que obedecer às regras específicas, os sujeitos acionavam alguns discursos que lhes permitem identificar com as pautas políticas do que chamam de esquerda.

De início, para participar dessa rede era necessário se atentar à alguns princípios de conduta como não apresentar perfil *fake*, sem fotos, menores de 18 anos e perfis considerados de direita, o que fica mais evidente por meio do que não se tolera. Para evitar qualquer tipo de confusão, não eram permitidas postagens com teor preconceituoso, particularmente que podiam ser entendidas como homofóbicas, racistas, machistas, de intolerância religiosa, gordofóbicas e capacitistas, sendo constantemente moderadas por seis administradores, sendo cinco mulheres e um homem.

Além disso, o grupo se descrevia enquanto apoiador do Partido dos Trabalhadores (PT), Lula, Dilma e Haddad, assim como de demais partidos denominados de esquerda (não especificando essa informação) e se colocava enquanto adepto da expressão e demanda por “Fora Bolsonaro”, quando este ainda estava como presidente do país. No entanto, apesar de constar uma abertura a outros partidos, verificava-se um apoio hegemônico ao PT e ao Lula, sinalizado por publicações que traziam suas imagens na apresentação dos sujeitos<sup>12</sup> e pouca expressividade referente à candidatos de outros quadros políticos.

As pessoas que mais se apresentavam faziam uma publicação com foto e uma espécie de “ficha de apresentação”, contendo as seguintes informações: Nome, Profissão, Cidade, Idade, Signo,

<sup>12</sup> De modo semelhante, entre as postagens mais movimentadas com reações e comentários destaca-se uma que perguntava aos participantes a opinião sobre a aliança de Lula com Geraldo Alckmin, cuja maioria dos participantes manifestaram apoio. A referida postagem apresentou mais de mil comentários.

Altura, Sexualidade, Região, Estado civil, Hobbies, Bebe, Fuma, Time. Essas postagens são importantes para captar o perfil dos membros do grupo, assim como pincelar possíveis elementos que aparecem indicando para posicionamentos políticos considerados de esquerda nessa rede.

No início do grupo, por volta do segundo semestre de 2019, as fichas de apresentação eram mais comuns e continham bastante reações e interações entre os comentários. Destacavam-se homens e mulheres, heterossexuais em sua maioria, acima dos 30 anos, em busca do que chamavam de “esquerdistas”, “alguém de esquerda”, “alguém que não seja bolsominion”, entre outros enunciados. A presença de pessoas negras era menos sobressalente, o que gerou vários incômodos e discussões sobre padrões de beleza, racismo, solidão, representatividade e a presença negra dentro da esquerda brasileira, sobretudo, sobre o desejo por pessoas negras dentro de um mercado amoroso segmentado para pessoas desse espectro político-social. Tal problematização se repetiu até a finalização da pesquisa com uma presença mais acentuada desse grupo social, seja por meio de debates de temas que envolvem as relações étnico-raciais, seja pelo questionamento de “onde estão es pretes desse grupo?”, conforme aparece em postagens.

No que se refere à sexualidade e gênero, como já mencionado anteriormente, o grupo é composto majoritariamente por sujeitos autodeclarados heterossexuais. A partir do final de 2021 e início de 2022 sujeitos transexuais e homossexuais se pronunciavam, criando postagens de apresentação de perfis. Entretanto, foi perceptível que o engajamento em interações de sujeitos que não eram heterossexuais, cisgênero, brancos era menor de tal maneira que ficavam na invisibilidade, como se percebe pelo comentário: “se eu não colocar que sou trans na postagem, tenho milhares de likes e comentários, porém quando deixo claro, o quadro muda”.

O que era chamado por diversas vezes de “seletividade” do grupo foi constantemente debatido por meio de postagens em que pessoas desabafavam sobre não terem reações às suas fichas de apresentação. Em uma dessas postagens, uma mulher ques-

tionou os critérios de escolha afetiva dos participantes, levando a uma longa discussão que contou com mais de 200 comentários. Essa interação atesta observações que já aconteceram desde o início, no entanto, sublinha como os próprios sujeitos visualizavam as delimitações dessa rede. A percepção de que existia um padrão de beleza branco, magro e jovem se somava a outros elementos, como escolaridade, região e classe social, principalmente.

Isso era analisado entre os sujeitos como um dado que demonstra o quanto “o meio de esquerda é mais elitizado do que o meio conservador de direita”, como aparecia nas interações. Somado a isso juntam-se aspectos geracionais, “existem diferenças de favoritismo sim: a do etarismo. Quem tem mais de 50 por vezes é deixado em um plano inferior”, de região, indicando para “se você mora longe, esqueça” e de escolaridade e acesso à bens de consumo: “Precisa ter diploma eu acho. Carro. Bicicleta. Algo do tipo assim”. Sobre padrões corporais, “é o que mais se aproxima do europeu. Por isso e muitos outros que só estou aqui pelos memes”.

“Estou aqui pelos memes” era uma das expressões que mais apareciam, sugerindo que, se inicialmente os intuitos de ingressar no ESQ eram relacionados à busca por um relacionamento, com o tempo, essa finalidade parecia se esvaír. Da mesma forma, “aqui virou mais um grupo de debates do que de flerte”, pode demonstrar as frustrações sobre a busca amorosa ou de um possível ritual romântico cujo objetivo era ocasionar o encontro, flerte ou relação mais privada. Assim, os conteúdos que constituíam as relações ali não exprimiam uma abrangência de experiências afetivas que contemplavam as diferenças sociais nos aspectos de gênero, sexualidade, geração, raça e etnia. Da mesma maneira, não incorporavam sujeitos que fujam de padrões no âmbito de corporalidades, região, escolaridade, classe social, sendo mais propício de êxito para pessoas com padrões de beleza hegemônico, com grau superior e que residiam especialmente em São Paulo ou Rio de Janeiro.

Diante disso, havia uma espécie de diluição das diferenças sociais nas interações, que confirma uma especificidade do sujeito que se autodenomina de esquerda. Cabe, desse modo, questionar

quais possibilidades afetivas para as diferenças sociais no ESQ. Os repertórios de amor e política eram representativos de experiências de sujeitos que, desiludidos com outros serviços comerciais de busca por relacionamentos, fluíam para alternativas nas quais podiam buscar por reconhecimento social que perpassasse pelo posicionamento político. Essa rede, até o momento em que a pesquisa foi realizada, apresentava as experiências com a heterossexualidade como central para discussão, de tal maneira que os dilemas e critérios considerados necessários para uma boa relação eram os circunscritos a esses arranjos, além dos chamados “*matchdoamor*”, ou seja, os casais que se formaram à partir dali e que são divulgados são, em sua maioria, heterossexuais.

Essas constatações apontam que entre os consensos políticos que circulavam nessa rede estavam a necessidade de questionar e refletir sobre relações de gênero que perpassavam as experiências da heterossexualidade, mais do que observar as incongruências entre o que se pretende com um discurso em torno das lutas antirracistas, homofóbicas, machistas, entre outras. Em outras palavras, apesar de se sustentar em repertórios de esquerda que abarcam causas sociais diversas, a conciliação entre amor e posicionamentos políticos com mais chances de ser desenvolvida como pauta nessa rede se referia a um ideal de formação do casal heterossexual, no qual as mulheres tinham mais agência, inclusive para questionar aspectos de masculinidades indesejáveis, como demonstrarei mais adiante.

A pesquisa indicou que no ESQ circulava uma espécie de utopia romântica – nos termos de Eva Illouz (1997) – que se efetiva com o casamento entre amor, tecnologias, mercado e política, particularmente no que se refere à experiências de heterossexualidade, mais presentes no grupo. A utopia, segundo a autora:

[...] é um reino da imaginação em que os conflitos sociais são simbolicamente resolvidos ou apagados através da promessa e da visão de harmonia final, em ambas as relações políticas e interpessoais. A utopia utiliza

poderosos símbolos emocionais, metáforas e histórias que permeiam tanto o grupo como a imaginação individual, tem poder vinculativo na medida em que orienta a ação individual e coletiva. Mas para os símbolos utópicos ter poder vinculativo, eles devem descansar em uma configuração das relações sociais que os torna relevantes para a ordem social. No nosso caso, essa configuração foi o “encontro” entre o inchaço de mercados consumidores de lazer evoluindo as definições de família, intimidade e sexualidade (Illouz, 1997, p. 48, tradução própria)

A autora reflete sobre como o amor se torna símbolo moderno de felicidade individual nas sociedades capitalistas, o que se efetiva tanto por meio de mercados consumidores, quanto de transformações mais profundas nos afetos que se dão por conta dos debates culturais trazidos pelos feminismos do século XX que contribuem para relações de gênero mais equitativas (Illouz, 1997, 2019). Logo, a utopia romântica em um cenário de conflitos políticos mediados e ampliados digitalmente pode se apresentar como a resolução simbólica desse contexto, que concilia a busca pelo amor com a politização da intimidade, expressa em discursos que sejam condizentes com igualdade de gênero, principalmente. Mais que isso, é a convergência entre elementos que devem compor as relações amorosas, que resguardem a autonomia e liberdade dos sujeitos, considerados como politicamente importantes.

O elemento que qualificava a noção de amor no grupo era o de uma emoção ambígua, que se direcionava afetuosamente para as visões políticas em comum e ao mesmo tempo para a repulsa de um cenário considerado desfavorável. Isso orientava a busca afetiva e estratégias de usos dos aplicativos, como é possível observar por depoimentos como: “Eu já coloco na descrição da bio q não quero Bolsominion”. Assim, o campo demonstrou que as competências afetivas, igualmente consideradas como políticas, eram validadas pelo desempenho nas interações. O amor se colocava,

nos termos dos sujeitos, como “imprevisível, mas costurando as diferenças, fica mais possível. Por isso adoro os grupos de esquerda, onde o filtro político já faz uma triagem primária”.

A metáfora de realização amorosa e política que permeava o grupo era de sujeitos que adotavam discursos inclusivos nas esferas dos direitos humanos, das lutas feministas, antifascistas e antirracistas. Entretanto, se esses discursos eram fundamentais como passaporte afetivo, no que tange à seleção, as possibilidades de sucesso ou “*match*” eram restritas, evidenciando contradições sutis que geravam indignação em alguns sujeitos.

Assim, a sociabilidade visualizada na rede do ESQ assumia o caráter de ideal romântico tanto no cenário da ação política quanto do amor. Isso se colocava também como discurso do que o grupo queria instigar, como sendo uma rede ampla, na qual cabiam diferenças e se repudiavam todo tipo de preconceito e silenciamento, representando discursos políticos e afetivos que, em certa medida, simbolizavam os ideais do que se compreendia como de esquerda entre esses sujeitos. Decorre disso uma relação de simbiose entre amor e política que tem sido gerida por redes sociais comerciais, de modo que alianças amorosas eram cogitadas apenas em termos de uma aliança política também. Sob a égide do que Jodi Dean designa de capitalismo comunicativo (2009, p. 2) como “a materialização de ideais de inclusão e participação em tecnologias de informação, entretenimento e comunicação”, é possível indagar se a presença e formas de ação na rede contribuíam para sentidos do que a autora denomina de “fantasia de participação” em uma esfera pública brasileira densamente polarizada em termos políticos. Em suas palavras, o funcionamento desse tipo de capitalismo

[...] fetichiza o discurso, a opinião, a participação. Ele nos incorpora em uma mentalidade em que o número de amigos que se tem no *Facebook* ou no *MySpace*, o número de visitas às páginas de um blog e o número de vídeos exibidos no canal do *YouTube* são os principais marcadores de sucesso e detalhes como duração, profundidade de

compromisso, influência corporativa e financeira, acesso a estruturas de tomada de decisão e o estreitamento da luta política aos padrões da cultura de entretenimento do tipo faça você mesmo. (Dean, 2009, p. 17).

Logo, a procura por um “match esquerdista”, por mais que figurasse entre o desejo de muitos dos sujeitos da pesquisa, envolvia mais participar de uma rede cujas experiências eram colocadas em comum e reconhecidas. Como afirma Beleli (2022a, p. 8) “no *continuum on/off line*, as tecnologias ampliam as possibilidades de encontrar candidatos, mas a racionalização reforça a busca por iguais: encontrar alguém ‘como eu’ faz parte do meu próprio reconhecimento social”. O processo de racionalização dos critérios de seleção que tem como base a compatibilidade política era combinado com a promessa de abundância oferecida pela rede que, todavia, era imaginada. Isso exige um empreendedorismo emocional – nos termos de Pelúcio (2019, p. 193) – “posto que, de fato, as opções concretas já mostraram que não são tão amplas como o número de usuários escritos pode sugerir”. Apesar de parecer ser um campo fértil e equitativo, como vimos, o ESQ expunha filtros ainda mais específicos entre os sujeitos, tornando a seleção mais criteriosa e condicionada. Por conseguinte, ao invés de ser opo- nente dos aplicativos como os próprios sujeitos pressupunham, o ESQ complementava sua lógica. Se tratavam de filtros definidos, demonstrando um empreendimento moral e emocional aparentemente simétrico com um empreendimento político de construção de si, modulado pelos usos das mídias digitais.

## “Estou aqui para desviar de ‘esquerdomacho”

“Cadê sua apresentação no grupo?”, me indagou um rapaz em um domingo de manhã. Consegui meu contato por um grupo de *whatsapp* do qual faço parte, cujo objetivo é o mesmo do ESQ, oportunizar redes de sociabilidade entre sujeitos que se consideram de esquerda e que tenham interesse de conhecer alguém para um relacionamento amoroso. Embora tenha sido criado a partir

de comentários em páginas de paquera no *Instagram*, dirigidas à este público, esse tipo de grupo não é estimulado pelo meu campo de pesquisa. Esses grupos de *whatsapp* foram criados no período eleitoral, por volta de agosto de 2022 e são acessíveis a qualquer pessoa que encontre os links de entrada em comentários das páginas supracitadas. São iniciativas dos próprios sujeitos, que, por sua vez, vão segmentando seus propósitos para trocas de figurinhas, até divisões por regiões do país, sendo da região do Rio de Janeiro o grupo mais movimentado. A despeito de minha pesquisa não abarcar a análise desse campo em específico, tornou-se intrigante seguir esse fluxo, tendo em vista, sobretudo, que fui abordada por um membro tanto do grupo do *whatsapp*, quanto do ESQ.

Samir<sup>13</sup> tem 35 anos, mora no Rio de Janeiro e trabalha com tecnologia. Entrou no ESQ em 2020 e acreditou ser interessante iniciar um flerte comigo. Tivemos algumas conversas pontuais até que, em um momento oportuno, quando tinha condições de tempo para investir em uma entrevista, de fato, informei a ele que minhas intenções no ESQ e nos grupos de *whatsapp* eram de pesquisa e indaguei se poderia contribuir, respondendo a algumas perguntas. Ele questionou a área da pesquisa e disse que poderia, sim, contribuir. No entanto, sempre que perguntava sobre o ESQ ou tentava aprofundar a conversa com questões que pressupunham um diálogo além de uma paquera, ele se esvaía, dizendo que gostaria de falar “sobre nós dois”, algo que, conforme eu advertia, não existia, tampouco poderia existir, já que não havia intenção de minha parte em relacionamentos ou sedução. Suas investidas aconteciam sempre com expressões como “bom dia, minha gostosa”, “estou melhor agora”, “estou pelado”, “vem me visitar”, entre outros gestos de aproximação indevidos e exaustivos a mim que já tinha tentado não retribuir. Ainda que eu tenha insistido em informar sobre a pesquisa e retomar a entrevista, levei um “*ghosting*”<sup>14</sup>, talvez momentaneamente, de alguém que tinha o intuito de apenas flertar. Sequer conseguíamos conversar sobre cotidiano, gostos ou qualquer assunto que pudesse efetivar uma

13 Para fins de preservar a identidade dos meus interlocutores, optei por trocar seus nomes.

14 Derivada da palavra em inglês “*ghost*”, cujo significado é fantasma, *ghosting* tem sido utilizado para se referir ao abandono ou vácuo repentino, sem explicações, quando não há mais interesse em relacionar-se ou interagir.

aproximação maior. Também era domingo e desisti de continuar tentando entender seus anseios com meu campo de pesquisa, o que não me permitiu, inclusive, investigar as relações que ele fazia entre se reconhecer ou não enquanto um homem de esquerda e a abordagem de mulheres dessa forma pelas mídias digitais.

Situações constrangedoras e inusitadas como essa que narrei acima eram comuns de acontecer com as mulheres que faziam parte do ESQ. Elas reclamavam de homens do grupo que denominavam de “esquerdomacho” e “sem noção” – em suas palavras – que começavam a conversar por mensagens privadas e invasivas pelo *Facebook* ou *whatsapp*, quando tinham acesso.

A definição de “esquerdomacho” se articula à comportamentos de homens que, ainda que associados a ideais de defesas de pautas políticas progressistas atentas às desigualdades sociais, se caracterizam por manterem atitudes e discursos em que se colocam como detentores de conhecimento em detrimento das mulheres. Mais que isso, são associados a masculinidades machistas, que desejam mulheres com padrões de beleza considerados hegemônicos, geralmente jovens, magras e brancas.

No campo da pesquisa, esse perfil era recorrente como inapropriado em publicações que apresentam características almeçadas em relacionamentos afetivos, como também se colocava enquanto tópico em destaque, no sentido de ser, até mesmo, uma advertência às interações. Entre elas destacavam-se reclamações de abordagens insistentes realizadas por mensagens privadas e até mesmo demonstrações de apoio à igualdade de gênero que, no entanto, não se comprovavam quando haviam descontentamentos com as masculinidades. Isso é significativo de uma dinâmica na qual, em postagens que questionavam machismos, a despeito de obterem certa adesão dos homens do grupo, eram também oportunidade de as mulheres os avaliarem.

Discursos como “aqui é um game onde vc tem que desviar de esquerdomacho, minion nem tão disfarçado e homem com masculinidade frágil” ou “a gente ri, irrita esquerdomacho, faz amigas

incríveis” eram comuns entre as mulheres e revelam que o escárnio à esse perfil era um instrumento do qual dispunham para expor essas masculinidades que incomodavam. Principalmente, eram nessas interações que rebatiam o quanto, para estes homens, o feminismo era acionado apenas quando lhes convinha, ou seja, quando os isentava de qualquer responsabilidade ou reflexão sobre as relações de gênero: “O que tem de sujeito embarcando no feminismo qdo a causa é de interesse próprio não é brincadeira”.

De outro lado, os homens que concordavam com discursos machistas sob a justificativa de expressões como “mas nem todo homem” ou “tem muita polêmica aqui”, “a gente fala e as pessoas brigam”, “as mulheres preferem os homens com dinheiro”, eram colocados à prova a todo instante em uma rede de sociabilidade que se mantinha como possibilidade de aglutinação dos anseios das mulheres. Alguns questionavam os motivos pelos quais, apesar de as mulheres fazerem parte de coletivos feministas ou se identificarem como de esquerda, preferiam se relacionar com homens “bolsominions” que eram, em suas palavras, essencialmente machistas. O “bolsominion” para esses homens de esquerda é o retrato do “playboy” branco, rico, que apoia o uso de armas, violência e frequenta academias de musculação. Particularmente, essas masculinidades surgiam nas interações em relações de disputa, nas quais um componente manifestava-se como importante: o dinheiro. Para os homens de esquerda, denunciados, inclusive, como “esquerdomachos”, o critério mais elementar que definia supostamente a predileção das mulheres pelos “bolsominions” é o fato destes últimos terem mais dinheiro e, por isso, serem mais propensos a “bancar-lhes o luxo”, levando as mulheres a aceitarem esse tipo de comportamento, mesmo sendo feministas.

Contudo, as sinalizações desse tipo de posicionamento eram constantemente rebatidas entre as mulheres que problematizavam os discursos dos homens e se fortaleciam lançando depoimentos de relações abusivas. O resultado era a diminuição da presença de homens frente a esse cenário. No que se refere às disputas entre masculinidades, cabe ressaltar, inspirada pela concepção de

Raewyn Connell (2005, p. 43), o caráter relacional do gênero, em que “masculinidade e feminilidade são inerentemente conceitos relacionais”. Os discursos presentes no ESQ eram ilustrativos desse aspecto relacional que define o gênero, haja vista que, tanto as feminilidades quanto as masculinidades subjetivadas por essa rede estavam em relação. As masculinidades, no depoimento de alguns homens, se pautavam pela posse do dinheiro que, em tese, seria capaz de garantir o interesse das mulheres. O dinheiro aparecia como um atributo generificado de masculinidade, merecedor de respeito e admiração entre si e entre as feminilidades também.

É possível considerar que os homens que se engajavam nas interações do ESQ ou até mesmo os que abordavam as mulheres dessa rede causando incômodos, dialogavam com projetos de masculinidade – nos termos de Connell (2005) – que mantinham no horizonte discursos considerados machistas pelas mulheres. Ainda que se distanciassem de masculinidades associadas por eles mesmos enquanto de direita, a pesquisa indica que se camuflavam enquanto homens que presumidamente se dedicavam à defesa de pautas sociais diversas, anunciadas como importantes na própria descrição do ESQ. Porém, isso não coincidia com projetos de feminilidade ali presentes, já que as mulheres recusavam quaisquer associações que as subalternizassem e vislumbravam chances de mudar esse contexto pelo debate dessas questões nessa rede.

Os homens autodeclarados de esquerda, embora manifestassem preocupação com desigualdade social, orbitavam em projetos de masculinidade que se sustentavam em relações com as mulheres que eram consideradas pelo grupo como machistas. Já as mulheres identificavam e expunham as contradições dessas relações. Por essa razão as interações mais constantes se consagraram por uma rede de mulheres capazes de alçar ao terreno do público discussões sobre intimidade e amor, de modo que sejam denunciadas as masculinidades que não estão em consonância com discursos sobre igualdade de gênero.

Algo sintomático dessa discussão ocorreu em postagens que ironizavam a declaração do ator Caio Castro sobre pagar a conta em encontros amorosos. Segundo o ator, em entrevista à um *podcast*, o incomoda a sensação de “ter que sustentar” a mulher que sai com ele para um bar ou restaurante<sup>15</sup>. A fala de Caio foi alvo de várias problematizações e deboches, permeando *memes* em tons jocosos que animavam interações na rede do ESQ. Dividir a conta entre o casal heterossexual se tornou o centro de um debate que evidenciou desde posicionamentos favoráveis até contrários. O ponto principal se situava na percepção da desigualdade salarial entre homens e mulheres e no dispêndio de dinheiro para a mulher no mercado amoroso, incluindo gastos com aparência, para se tornar socialmente aceitável, o que justificaria uma frequência maior do pagamento das despesas com o encontro amoroso por parte dos homens.

Além desse tipo de questão revelar maior participação entre mulheres que apresentaram uma série de relatos, desnuda posicionamentos de homens que se manifestavam de maneira considerada machista e, por isso, eram combatidos. Discursos como “não são todas as mulheres, mas algumas só querem comida e pix”, “pepeca não é rolex” ou “o feminismo acaba quando a conta chega” foram feitos por alguns homens do grupo, intensamente contrariados. A crença de que a mulher manifesta interesse material ou financeiro por um homem é acompanhada de uma obrigação concebida como natural de que ela deva manter qualquer tipo de relação sexual ou corresponder às suas investidas. Por conseguinte, o escárnio a esse perfil de “esquerdomacho” era um instrumento do qual as mulheres do ESQ dispunham para exporem essas masculinidades.

Os discursos que permeavam a sociabilidade do ESQ corroboravam para modos de conceber as relações entre amor, interesse, dinheiro e tecnologias de maneiras relacionais. O campo demonstrou concepções que remetem à autenticidade do amor diante de sua relação tanto com o dinheiro, quanto com os usos

<sup>15</sup> O vídeo da entrevista pode ser visualizado em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/07/26/nao-tenho-que-fazer-diz-caio-castro-sobre-pagar-conta-em-date.htm>. Acesso em: 8 ago. 2024.

das mídias digitais, que são demarcadas por noções de que este não pode (e não deve) ser corrompido por aspectos considerados instrumentais, como os financeiros e comerciais advindos, inclusive, das mídias digitais. É possível indagar se isso se reflete na própria concepção de política enquanto ação que está livre de quaisquer tipos de interesses, exceto do amor, considerado como emoção que mobiliza o envolvimento com as pautas políticas que consideram de esquerda.

Contudo, o entendimento de que o dinheiro está longe do amor não parece encontrar correspondência nas experiências das mulheres do campo de pesquisa. No que tange às feminilidades, houve um debate no grupo que apresentava as diversas despesas que são requeridas para que as mulheres sejam atraentes no mercado afetivo, como a transcrita abaixo:

O custo mulher. Eu vejo muitas fotos de moças muito bonitas e produzidas e tal, super curtidas e... Deixa eu explicar, há um custo financeiro e de tempo em se produzir que ou sendo rica ou dormindo menos, ou fazendo algo menos e tendo habilidade para fazer tudo a si mesma. Trabalhar 40 horas na semana, se estressar, perder saúde, tempo, vitalidade.... Olha, o dinheiro que a gente ganha, o valor que a gente podia trabalhar menos ou em algo que nos mais realize mas paga menos, mas gasta o valor de um dia de trabalho numa bolsa, de três dias de trabalho na micropigmentação... Nada disso é obrigatório, é opcional, mas que escolha cara!

É possível argumentar que dinheiro e intimidade são combinações que compõem o amor, conforme Zelizer (2005, p. 35), pontua:

Ao invés de corromper relações íntimas, o dinheiro frequentemente coexiste com elas e, em muitos casos, reforça essas relações. O dinheiro é frequentemente transformado para se adequar ao contexto social no qual é utilizado, e as relações pessoais são moldadas pelas maneiras como o dinheiro é trocado e usado (tradução própria).

Os significados adquiridos pelo dinheiro no ESQ eram, portanto, carregados de sentidos de gênero, evidenciando diferenças de concepções entre homens e mulheres. Para as masculinidades, estava associado à capacidade de atrair as mulheres, o que é também evidenciado pelos seus discursos como forma de atestar o verdadeiro amor destas. Ao mesmo tempo, o dinheiro está no centro da disputa com outras masculinidades. Enquanto para as mulheres, aparecia como norteador de projetos de feminilidades atraentes para os homens pelo seu investimento na aparência, cuja concretização revelava-se inconsistente e inadequada de acordo com aspectos de classe social. A posse e uso do dinheiro contém significados diferentes que interseccionam gênero, classe social e até mesmo raça/etnia, região e sexualidade no campo de pesquisa, seja para denunciar que mulheres estão em condições de subordinação ao dinheiro e até desejo dos homens, seja para elucidar que estes compreendem seu uso como troca de afeto. Dessa forma, as perspectivas do amor, além de sujeitas ao posicionamento político, eram balanceadas pela aceitação que o dinheiro assumia em dinâmicas de relações de gênero. Masculinidades e feminilidades são relacionais também no que se refere à concepções sobre o uso do dinheiro como ação que garante sucesso nas relações afetivas.

Em suma, os homens que corroboravam com discursos de manutenção das relações assimétricas de gênero são colocados à prova a todo instante em uma rede de sociabilidade que tem se mantido como possibilidade de aglutinação de depoimentos de mulheres. Da mesma forma, se organiza pela articulação de discursos que promovem reflexões amplas sobre condutas admissíveis em um terreno que pretende arranjar relações afetivas entre sujeitos de esquerda. Vale trazer para reflexão a contribuição de Larissa Pelúcio (2019, p. 32) em sua pesquisa sobre masculinidades heterossexuais e aplicativos de busca por relacionamentos.

Segundo a autora, ainda que estejamos experienciando uma nova ética sexual que proporciona mais autonomia dos sujeitos, as mulheres têm mais compromissos com os vínculos afetivos. Já

para os homens viverem essa ética prazerosamente, “precisam que as mulheres tenham mais agência e assumam seus desejos nesses jogos que tendem a colocar o domínio do campo sexual em um plano mais simétrico que no passado recente, quando os homens tinham ali o controle quase incontestado.” Apesar disso, eles “são, ao mesmo tempo, produtores desta nova ética sexual e usuários confusos destes recursos” (Pelúcio, 2019, p. 35). As expectativas dos homens nesse cenário não pareciam caminhar para uma equidade das relações de gênero, embora reconhecessem a relevância da autonomia das mulheres. De acordo com o campo de pesquisa, os “esquerdomachos” eram confrontados por manterem discursos sobre as relações amorosas em que se beneficiam da agência das mulheres – seja financeira, seja sexual.

Seriam essas mulheres, as “feministas estraga-prazeres”, conforme colocado por Sara Ahmed (2020), dentro do campo discursivo do que se consagra como sociabilidade de esquerda via mídias digitais? Os homens são confusos porque não sabem lidar com a visibilidade das mulheres na rede e, pior, com a visibilidade de suas condutas íntimas que escancaram a incoerência de seus discursos sobre igualdade e justiça que não abarcam relações de gênero. Embora não possa afirmar que existe um discurso de ódio às feministas que se confirme como antifeminismo, como Lara Beleli (2022b) constatou em outros grupos de *Facebook*, é evidente que existem incômodos quando essas mulheres politizam os afetos. Isso pode mostrar o quanto a ideia de amor experienciada pelos homens parece uma emoção que justifica suas condutas na esfera do gênero, talvez por considerá-la menor dentro do que entendem como esquerda.

Portanto, o ESQ pode ser considerado pela sua capacidade de agrupar discursos de equidade nas relações de gênero que ainda reverberam mais entre as mulheres que se consideram de esquerda do que entre os homens desse mesmo panorama político. Conjuntamente, a forma como isso tem se estabelecido pelas redes sociais organizando condutas de interação e conteúdos assimilados, necessariamente deriva desses embates colocados pelos

movimentos sociais e seus usos das mídias digitais. Possivelmente esse aspecto é pano de fundo no qual são elaborados discursos sobre amor que ao menos abracem relações mais equitativas. Coube às mulheres colocarem isso em pauta no ESQ, refinando ainda mais os filtros de seleção, com a finalidade de expor masculinidades incômodas ou até mesmo evitá-las.

## Considerações finais

O ESQ colocava à disposição por meio de sua dinâmica de interatividade possibilidades de avaliação e validação das experiências em rede. A tendência de seu uso era propiciar mais um filtro político nas relações em um contexto – tanto *online*, quanto *offline* – que se constituiu nos últimos anos no Brasil. Isso sinaliza o quanto a intersecção entre construção de perfis, interações, troca de experiências e relatos individuais na rede, produzem reflexões que atestam o quanto as esferas amor e política são convergentemente relacionadas e moldadas pelos usos das mídias digitais.

Como verificado na minha pesquisa, as expectativas não são totalmente cumpridas, especialmente entre sujeitos que escapam às normas heteronormativas de amor e à seletividade do grupo, trazendo em seu interior disputas entre o que se compreende por política e esquerda. Conforme abordado aqui nesse texto, se de início o grupo pretende garantir adesão entre participantes que se identifiquem com a esquerda brasileira e com demandas democráticas e inclusivas, no que se refere à sua própria composição e dinâmica de interações, destacam-se parcelas sociais específicas. Nesse sentido, relações e sujeitos que não sejam de regiões metropolitanas, jovens, heterossexuais, cisgênero e brancos acabam ficando à margem de pautas dessa rede, o que, levanta elementos para problematizações sobre o que, de fato, caracteriza a experiência social dos sujeitos que compõem o ESQ para entender o que esperam do grupo e até mesmo de relações afetivas.

De outra perspectiva, não parece haver correspondências entre o que se espera (ou esperaria) do amor dentro rede, de modo que é comum verificar o quanto os participantes desacreditam, ao menos em princípio, da busca e continuam ali “pelos *memes*”. Assim, a sociabilidade estabelecida pelo ESQ tem diluído não apenas as diferenças sociais como também suas finalidades iniciais, se tornando uma rede de pessoas em sua maioria solteiras e com critérios refinados para deixarem de sê-lo. Mesmo que estejam em busca de algum tipo de relação afetiva, se contentam em participar das interações nas quais é possível debater relações de gênero e, sobretudo, as incoerências de discursos machistas e preconceituosos que eventualmente circulam.

Isso reforça o quanto o vínculo entre amor e política se dá pela compreensão de que a condução de relações afetivas se dá dentro de uma gramática política na qual as mulheres têm manifestado desejo por mais autonomia e equidade. Inclusive, de não estarem em relacionamentos ou filtrarem mais suas parcerias de forma mediada pelas tecnologias, algo já sinalizado pelas pesquisas de Lara Beleli (2015) sobre usos de aplicativos e plataformas de busca por relacionamentos entre mulheres heterossexuais. O campo aponta para uma conjuntura, portanto, em que o envolvimento *online* com essa rede social pretende encontrar respaldo no que enseja sobre reflexões políticas no *offline*, direcionadas especialmente pelas diferenças sociais, no interior de sociabilidades consideradas de esquerda no Brasil.

Em suma, a pesquisa indica um perfil de sujeito que ainda está se familiarizando com as diferenças sociais que compõem as identificações com a esquerda, o que denota disputas e batalhas dentro dessas próprias denominações para que haja reconhecimento, desejo e amor para todos. Talvez as questões a serem colocadas nesse cenário sejam: quem segura a mão de quem?; quem dá “*match*” com quem?

## Referências

AHMED, Sara. Estraga-prazeres feministas (e outras sujeitas voluntariosas). **Revista ECO-Pós**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 82-102, 2020. Disponível em: [https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco\\_pos/article/view/27642](https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27642). Acesso em: 12 jul. 2024.

BELELI, Iara. O imperativo das imagens: construção de afinidades nas mídias digitais. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 44, p. 91-114, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8637321/5037>. Acesso em: 12 jul. 2024.

BELELI, I. Trampas de la hipervisibilidad en la era digital. **RUNA, archivo para las ciencias del hombre**, Buenos Aires, v. 43, n. 1, p. 347-361, 2022a. Disponível em: <http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/runa/article/view/8195>. Acesso em: 12 jul. 2024.

BELELI, Iara. Antifeminismos: os efeitos dos discursos de ódio. **Revista Latinoamericana Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 38, p. 1-23, 2022b. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/YpDqWQpvxTqZV3cZD6LfBLr/>. Acesso em: 20 jul. 2024.

BOYD, Dannah. **It's complicated**: The Social lives of networked teens. New Haven: Yale University Press, 2014.

BRAGA, Adriana Andrade. Técnica etnográfica aplicada à comunicação online: uma discussão metodológica. **UNirevista**, São Leopoldo, v. 1, n. 3, p. 1-11, 2006. Disponível em: [http://www.unirevista.unisinos.br/\\_pdf/UNIrev\\_Braga.PDF](http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Braga.PDF). Acesso em: 12 abr. 2023.

BURRELL, Jenna. The field site as a network: a strategy for locating ethnographic research. **Field Methods**, v. 21, n. 2, p. 181-199, 2009.

CONNELL, Raewyn. **Masculinities**: knowledge, power and social change. California: University of California Press, 2005.

DEAN, Jodi. **Democracy and other neoliberal fantasies:** Communicative capitalism and Left politics. Durham, London: Duke University Press, 2009.

DIJCK, José Van. **La cultura de la conectividad:** una historia de las redes sociales. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2016.

FACIOLI, Lara. Movimentos, ativismos feministas e precisões conceituais: o caso do feminismo digital. *In:* CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 20. 2021, Belém. **Anais [...].** Belém, 2021. Disponível em: <https://www.sbs2021.sbsociologia.com.br/site/anaisarquivoresumo#L>. Acesso em: 07 dez. 2024.

HINE, Christine. **Etnografia Virtual.** Barcelona: UOC, 2004.

ILLOUZ, Eva. **Consuming the romantic utopia.** Berkeley: University of California Press, 1997.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo.** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ILLOUZ, Eva. **The end of love:** a sociology of negative relations. New York: Oxford University Press, 2019.

JARDIM, Maria Aparecida Chaves; MOURA, Paulo José Carvalho. A construção social do mercado de dispositivos de redes sociais: a contribuição da sociologia econômica para os aplicativos de afeto. **Revista Tomo**, São Cristóvão, n. 30, p. 151-197, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tomo/issue/view/565>. Acesso em: 7 ago. 2023.

MACHADO, Jorge; MISKOLCI, Richard. Das jornadas de junho à cruzada moral: o papel das redes sociais na polarização política brasileira. **Sociologia & Antropologia** [online], Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 945-970, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sant/a/q8zsjyJYW3Jf3DBFSzZJPBg/>. Acesso em: 20 out. 2022.

MACKENZIE, Donald; WAJCMAN, Judy. Introductory essay. *In*: D. MACKENZIE; J. WAJCMAN. **The social shaping of technology**. Buckingham, Open University Press, 1999.

MELHADO, Rodrigo. **Manas** - Um estudo das mensagens sociais acerca das masculinidades gays no grupo de Facebook BIV. 108 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 2018.

MISKOLCI, Richard. **Desejos Digitais**: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MISKOLCI, Richard. **Batalhas Morais**: política identitária na esfera pública técnico-midiatizada. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MISKOLCI, Richard; BALIEIRO, Fernando. Sociologia Digital: balanço provisório e desafios. **Revista Brasileira de Sociologia**, São Paulo, v. 6, n. 12, p. 132-156, 2018. Disponível em: <https://rbs.sbsociologia.com.br/rbs/article/view/352>. Acesso em: 28 jan. 2022.

PADILHA, Felipe. **Entre lobos maus, macacos velhos e queerpiras**: uma etnografia nas interfaces dos aplicativos de busca de parceiros online no interior paulista. 2019. 204f. Tese (Tese de Doutorado em Sociologia), Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Carlos, 2019.

PELUCIO, Larissa. Narrativas infieis: notas metodológicas e afetivas sobre experiências das masculinidades em um site de encontros para pessoas casadas. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.44, p. 31-60, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8637318>. Acesso em: 27 jan. 2022.

PELUCIO, Larissa. **Amor em tempos de aplicativos:** masculinidades heterossexuais e a nova economia do desejo. São Paulo: AnnaBlume, 2019.

SCHARFF, Christina. The Psychic Life of Neoliberalism: Mapping the Contours of Entrepreneurial Subjectivity. **Theory, Culture & Society**, London. v. 33, n. 6, p. 107-122, 2016. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0263276415590164>. Acesso em: 20 fev. 2022.

SPINK, Peter K. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 18-42, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/nSkXqD7jKvgdrTFYGmTF8gP/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 13 maio 2023.

THOMPSON, John. A nova visibilidade. **Matrizes**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 15-38, 2008. Disponível em: <https://revistas.usp.br/matrizes/article/view/38190>. Acesso em: 10 set. 2022.

TURKLE, Sherry. **Alone Together:** why we expect more from technology and less from each other. New York, Basic Books, 2011.

VIEIRA JUNIOR, Luiz Augusto Mugnai. A imersão oculta em plataformas online: uma experiência antropológica a partir dos estudos de recepção. **Cadernos de Campo**, v. 29, n. 2, p. 1-25, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/175275>. Acesso em: 25 jul. 2023.

WILLIAMS, Raymond. **Televisão:** tecnologia e forma cultural. Trad. Márcio Serelle; Mário F. I. Viggiano. São Paulo: Boitempo; Belo Horizonte, PUCMinas, 2016.

ZELIZER, Viviana. **The Purchase of Intimacy.** Princeton/Oxford, Princeton University Press, 2005.